

Observações sobre o Enigma do *Koan*

de Frithjof Schuon

Todas as pessoas que já se ocuparam, por pouco que seja, do Budismo *Zen* sabem que o *koan* é uma fórmula intencionalmente absurda destinada a provocar naquele que sobre ela medita uma espécie de ruptura¹ libertadora da mente, esta sendo então considerada sob seu aspecto de endurecimento e de cegueira. Em demasiados casos, porém, o *koan* é apresentado de maneira pouco afortunada: gosta-se de sustentar, não sem uma ponta de triunfo em relação ao senso comum em geral ou à lógica aparentemente “ocidental” em particular, que o *koan* existe para propiciar uma nova visão do mundo e da vida, o que em si é totalmente desprovido de interesse, ou que o *Zen* harmoniza-se com a vida prática mais comum, o que não tem nenhuma relação com a questão dos valores espirituais. Não dizemos que essas asserções ou elogios não correspondam a alguma realidade, mas sublinhamos simplesmente que não são definições, e que, se fossem, não seriam de natureza a nos dar uma ideia elevada da espiritualidade zen-budista.

É evidentemente insuficiente declarar que o *koan* tem por objetivo produzir esta ou aquela transformação mental e que o faz por sua absurdez mesma; pois esta opinião não nos explica nem por que um *koan* difere de outro *koan*, nem por que alguém se teria dado ao trabalho de fazer uma compilação dos *koan*, obra tradicional cuja autoridade canônica baseia-se no fato de eles serem obra dos maiores mestres. Se, para provocar no fim das contas a iluminação, bastasse que um *koan* fosse absurdo, poder-se-ia simplesmente dizer que dois e dois são cinco, não seria necessário recorrer nem a um *koan* tradicional, nem a determinado *koan* de preferência a outro.

O fato de que o *koan* não contém intencionalmente uma síntese de doutrina metafísica e de que seja impossível explicar-lhe verbalmente o sentido não pode significar que ele não tenha absolutamente nenhum sentido; não se faz durante séculos pessoas meditarem sobre absurdidades puras e simples, e o caráter tradicional do *koan*, bem como seu resultado iluminativo, prova que essa fórmula não é uma coisa qualquer. Mas, se o *koan* não tem conteúdo doutrinal intencional, que conteúdo ele poderia ter? O caráter específico do *Zen*, por outro lado, e as respostas dos mestres, por outro lado, indicam esse sentido: o *koan* exprime a experiência espiritual de um mestre sob uma forma simbólica — e propositadamente paradoxal — cuja significação só é verificável por meio da mesma experiência. No momento desse rasgamento que é o *satori*, a iluminação,² o *koan* é

¹ No original, *éclatement*, que tem o sentido próximo de “explosão”, “estouro”, mas menos forte. Optamos por “ruptura”. (N. do T.)

² O *satori* não é a iluminação absoluta; já é uma *bodhi*, mas não é ainda a *Samyaksambodhi* do Buda. Se o estado profano está separado do do Buda Desperto como o círculo está separado do centro, o *satori* será a realização súbita do raio que, sem se identificar ao centro, é como um prolongamento dele: em relação ao estado profano, pode-se dizer que o *satori* “é” a Iluminação em si; a distinção entre os graus do Despertar só tem sentido no plano espiritual, não em relação ao mundo.

subitamente "compreendido", seus dados são identificados; e, se um *koan* difere de outro, isto acontece não porque o resultado do *satori* é múltiplo, mas antes porque seus aspectos o são. Sem dúvida, o *koan* tem necessariamente um sentido metafísico se ele tem algum sentido, ou porque tem um sentido; mas sua razão suficiente é precisamente referir-se ao aspecto inexprimível da experiência do Despertar. Poder-se-ia objetar que neste caso o *koan* não tem direito à existência, ou seja, que ele não tem lugar na linguagem, posto que esta exige a inteligibilidade; a objeção em si é pertinente, mas é preciso resguardar os direitos da exceção, dado que o paradoxo pode ter uma função de catalizador na economia de *Mâyâ*.

*

Estas considerações levam-nos a acrescentar algumas observações sobre as intenções e os métodos do Zen-Budismo em geral. O que o *Zen* quer é recuperar sobrenaturalmente a percepção das coisas *sub specie aeternitatis* ou no “Eterno Presente”; sem poder nem dever sair da relatividade, o espírito encontra-se doravante enraizado no Absoluto, ao mesmo tempo existencialmente e intelectualmente. Mas o *Zen* comporta também outra dimensão, complementar à primeira: é o aspecto “simplicidade” ou “equilíbrio”, o retorno à natureza primordial. O complemento do relâmpago e da ruptura, ou seja, do *satori*, é a paz na natureza das coisas, tal como ela se revela na calma da lagoa refletindo a Lua, ou na graça por assim dizer contemplativa do nenúfar, ou ainda na elegância calma e precisa da cerimônia do chá. A sobriedade naturista e algo iconoclasta do *Zen* não é um luxo vão: quem quer reconduzir o espírito humano à “Intuição de Eternidade”, para a qual ele é feito e que ele perdeu em sua decadência — sua curiosidade dispersante e sua paixão compressiva —, deve também reconduzir a alma e o corpo à sua simplicidade primordial libertando-os das superestruturas artificiais da civilização.³ Uma coisa não existe sem a outra: não há conteúdo sem receptáculo adequado, a perfeição do relâmpago pede a do lótus. Nesta segunda dimensão, o *Zen* pôde aproveitar o terreno preparado pelo *Shintô*, do mesmo modo que foi servido, na primeira dimensão, pela presença do Taoísmo. Mas isto não nos deve fazer perder de vista que tudo estava dado desde a origem: pelo gesto do Buda, por seu sorriso, pela flor que ele tinha na mão.

*

Quando se parte da idéia sumária — voltada unicamente para uma certa eficácia — de que o mundo é impermanente e nada mais, que ele é composto de “categorias” ou de “átomos” cambiantes e impermanentes e que só o *Nirvâna* possui a permanência, esquece-se, estranhamente — a menos que se ache supérfluo pensar nisso — que seria impossível escapar à impermanência ou mesmo simplesmente conceber a idéia de impermanência e de

³ A posição da meditação *zen*, o *zazen*, é nesse sentido reveladora: retidão e imobilidade; equilíbrio entre o esforço e a naturalidade. O *Zen* desenvolveu uma “cultura do gesto” que se estende a diversos ofícios incluindo o das armas, e também a toda a espécie de atividades decorativas e mais ou menos femininas, e que é o contrário do despurador sincerista e falsamente “natural” de nosso tempo.

libertação se não houvesse um elemento de permanência no impermanente ou de absolutez no relativo. Inversamente e *a priori*, é preciso que haja um elemento de relatividade no Absoluto, sem o que não existiriam nem o relativo, nem, com maior razão, a noção de relatividade e a saída do relativo; é o que mostra à sua maneira o símbolo do *Yin-Yang*, que mencionamos muitas vezes noutras ocasiões.

Ora, esse elemento de absolutez ou de permanência no seio mesmo do contingente e do impermanente é precisamente nossa própria essência, que é “natureza do Buda”; recuperar nossa própria natureza fundamental é realizar a Permanência e escapar à “roda da existência”. É baseando-se nesta idéia de imanência que o *Zen* busca se desligar não da tradição, é claro, pois ele é budista, mas dos conceitos enquanto tais: sua base é o fato de que tudo o que a Revelação oferece encontra-se principalmente em nós mesmos. O *Zen* ensina seus discípulos, mediante sinais e atitudes, a perceberem e a se tornarem tudo o que é a razão de ser das palavras, das idéias, da tradição.

Não que sejamos aristotélicos, mas é evidente que preferimos mil vezes Aristóteles a um *Zen* falsificado e destacado de suas raízes, e privado assim de sua razão de ser e de sua eficácia; se insistimos neste ponto, é porque no *Zen-Budismo* modernista esquece-se deliberadamente que o *Zen* não é “nem com, nem sem formas” e que ao lado da introspecção rigorosa e daquilo a que poderíamos chamar o culto da vacuidade ele sabidamente inclui, ao menos *a priori*,⁴ uma atitude de devoção, de humildade e de gratidão que é comum a toda espiritualidade digna desse nome.⁵ De qualquer modo, um método espiritual não é algo de que se pode dispor livremente: na medida mesma em que é sutil ou esotérico, ele se transforma em veneno quando não é praticado na moldura das regras canônicas, portanto “em nome de Deus”, como se diria no Ocidente; no caso do *Zen*, essa moldura é antes de tudo o ternário “Buda-Lei-Comunidade” (*Buddha-Dharma-Sangha*). Ou o *Zen* é função de tudo o que este ternário implica, ou ele não é.⁶

*

In *Tesouros do Budismo*, de Frithjof Schuon, publicado por Editora Stella Maris, 2024.

Tradução de A. Queiroz. Todos os direitos reservados para World Wisdom Inc. (EUA).

⁴ Esta reserva significa que as virtudes devocionais devem se reabsorver, no fim das contas, numa extinção interior que as supera sem, todavia, lhes ser oposta; de outro ponto de vista, pode-se dizer também que no *Zen* as atitudes divergentes se margeiam, cada coisa estando estando posta em seu lugar.

⁵ Toda manhã os monges *Zen* recitam *Sûtras* — o que prova que eles estão longe de desprezar os textos —, e depois a prece de Ta-Hui, que contém uma série de pedidos espirituais e materiais e que se dirige a “todos os Budas e *Bodhisattva-Mahásattvas* do passado, do presente e do futuro, nas dez regiões (do Universo), e à *Mahaprajnaparamita*”, a *Shakti* do *Adi Buda* — *Vajradhara* — ao qual ela é por vezes identificada. Note-se igualmente que toda refeição é acompanhada de preces e que o edifício principal contém uma imagem de *Shâkyamuni*.

⁶ Também não há nenhuma relação entre o *Zen* e as teorias de um Jung ou de um Krishnamurti, ou qualquer outro psicologismo.